

## **A Ressignificação da Morte no Filme “Viva – A Vida É Uma Festa” a Partir da Carnavalização de Mikhail Bakhtin<sup>1</sup>**

Maria Eduarda Braga CABRAL<sup>2</sup>

Maria Scarlett Guilherme de Lima CORREIA<sup>3</sup>

Carolina Cavalcanti FALCÃO<sup>4</sup>

Centro Universitário do Vale do Ipojuca | Unifavip Wyden

**RESUMO:** O intuito desse artigo é analisar o filme “Viva – A vida é uma festa” a partir do conceito de carnavalização apresentado por Mikhail Bakhtin e dos símbolos presentes na obra. O filme da Pixar aborda a cultura mexicana, mostrando a celebração do Dia dos Mortos no México, de forma sutil e delicada. A análise apresentada aqui tem o objetivo de conceituar os processos de significação da animação, relacionando-os com a cultura mexicana, a qual estão explicitamente interligados. Esta cultura está estreitamente ligada à carnavalização bakhtiniana, desde o seu surgimento e consolidação com as obras de José Guadalupe Posada até hoje, invertendo os processos de significação dos poderes sociais. O presente trabalho apresenta as formas de exposição desta cultura e o processo de ressignificação do conceito da morte através dos elementos da animação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Carnavalização; cultura; cinema

### **1. INTRODUÇÃO**

A Pixar utiliza-se constantemente de abordagens sentimentalistas em suas obras, com assuntos relacionados à perda e até mesmo à morte. Assim como em Toy Story 3 e “UP! Altas Aventuras”. Em “Viva – A vida é uma festa”, os diretores Lee Unkrich e Adrian Molina exploram o sentimentalismo da Festa dos Mortos, celebrada no México, de forma sutil e delicada. A celebração é apresentada de forma lúdica e respeitosa, de modo que encara a morte

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na IJ 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

<sup>2</sup>Estudante graduanda em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo, pelo Centro Universitário Vale do Ipojuca (Unifavip | Wyden). E-mail: [eduardabragacabral@gmail.com](mailto:eduardabragacabral@gmail.com)

<sup>3</sup>Estudante graduanda em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo, pelo Centro Universitário Vale do Ipojuca (Unifavip | Wyden). E-mail: [scarlettglima@gmail.com](mailto:scarlettglima@gmail.com)

<sup>4</sup> Professora da Disciplina Semiótica da Mídia e orientadora do trabalho. E-mail: [carolinacfalcao@gmail.com](mailto:carolinacfalcao@gmail.com)

como algo natural, belo e festivo.

A obra foi lançada em 2017, sob a direção de Lee Unkrich e Adrian Molina. A animação não conquistou somente o público, lotando as salas de cinema e gerando um lucro de mais de R\$ 800 milhões, de acordo com o site Observatório do Cinema, mas agradou também a crítica. O filme recebeu duas indicações ao Globo de Ouro: Melhor Filme de Animação, vencendo nesta categoria, e Melhor Canção Original, por “Remember Me”. Também foi indicado em duas categorias no Oscar 2018, por Melhor Filme de Animação e Melhor Canção Original, e venceu em ambas.

## 2. A OBRA

A narrativa do filme “Viva – A vida é uma festa” gira em torno da vida de Miguel, que é um menino de 12 anos que sonha em ser um músico famoso. No entanto, a ideia é desaprovada pela sua família, que é uma grande fabricante artesanal de sapatos. A rejeição à música está relacionada à geração que deu origem à família, há cerca de cem anos, formada pela tataravó de Miguel, Amelia Rivera, e por seu marido, que era um músico e sonhava com a fama. Mesmo após o nascimento da filha, Inês, o músico não desistiu da sua carreira e acabou abandonando a família para seguir seu sonho.

Por este motivo, Miguel, praticava escondido no sótão ao som do ídolo Ernesto de la Cruz, na companhia de seu violão e do cachorro Dante. O garoto mantinha isso em segredo, com medo de que sua família descobrisse que ele queria seguir os mesmos passos daquele que traiu a primeira geração dos Rivera.

A partir daí se inicia a jornada do herói (CAMPBELL, 1949). É apresentado o mundo que o protagonista vive e o espectador conhece o seu espaço familiar e sua rotina. Contrariando o estereótipo de que todos no México são apaixonados por música, os Rivera têm um legado de rejeição às formas musicais de expressão artística. *Abuelita*<sup>5</sup>, que é a matriarca e também a pessoa mais respeitada da casa, é a responsável por manter a ordem e proibir todo tipo de canções e melodias.

Neste momento, são mostradas as configurações do mundo em que Miguel vive. A partir daí o personagem entra em um conflito relacionado às forças que até então ele não compreende, apesar de fazerem parte do seu dia a dia. Estas ações são “resultado de desejos e conflitos

---

<sup>5</sup> Diminutivo de “abuela”, que significa avó na tradução para o espanhol.

reprimidos. São ondulações na superfície da vida, produzidas por nascentes inesperadas” (CAMPBELL, 1949, p. 31)<sup>6</sup>

O tempo diegético da obra se passa durante o dia da celebração da Festa dos Mortos, no México. A cultura tem o objetivo de trazer à memória as pessoas da família que já faleceram, através de oferendas, festas de rua e oração. Além disso, as pessoas têm o costume de construir altares para prestar culto aos mortos, com fotos e diversos adereços simbólicos.

No filme, também é mostrada a comemoração que acontece no interior das casas das famílias da cidade fictícia de Santa Cecília. Mais especificamente, as passagens dão importância ao ambiente da casa de Miguel. O papel das fotografias na narrativa é permitir que os mortos permaneçam vivos na consciência dos familiares e, conseqüentemente, no mundo dos mortos. Elas ficam na sala das oferendas e são a passagem para que os mortos visitem as casas de seus familiares no Dia de los Muertos para comer, receber as oferendas e se confraternizar.

Nesta data se lembra do morto, mas também do que ele gostava de comer, de beber e a música que escutava. Famílias inteiras vão aos cemitérios com cerveja e comida, que são decoradas com uma flor de outono. Tem até mariachis e trios especializados em ir cantar nas tumbas para animar o ambiente. (EL PAÍS, 2014)

#### Anexo 01<sup>7</sup>



A história começa a se desenrolar em uma dessas comemorações, quando Miguel decide participar do Show de Talentos do Dia de Los Muertos. Inspirado pelo lema de seu ídolo, “Agarre o seu momento”, o garoto cria coragem para seguir seu sonho, mesmo sem o

<sup>6</sup> Disponível no livro “O herói de mil faces” de Joseph Campbell

<sup>7</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=hNU6gq7TFyo>, com acesso em 02 de junho de 2018, às 14h

consentimento de seus parentes. Determinado, ele se prepara para sair de casa e tocar no festival, mas seus pais e Abuelita se reúnem para dizer que é hora de ele aprender a produzir calçados na sapataria da sua família. Após uma breve discussão, Miguel descobre acidentalmente que seu tataravô é, na verdade, o seu ídolo. Ao revelar que deseja seguir os mesmos passos da carreira do De la Cruz, ele tem seu violão quebrado por Abuelita, mas mesmo assim segue determinado a participar do Show.

Chegando lá, Miguel não pode participar por que não tem um instrumento. Ele pede a vários músicos um violão emprestado, mas ninguém o ajuda. Até que o garoto para em frente à estátua do seu tataravô, Ernesto, e tem uma ideia. Miguel vai até o túmulo do músico, onde seu violão estava exposto, quebra uma das janelas para entrar e pega o instrumento. O momento do contato com o violão pode ser considerado como a passagem de ressignificação da cultura para Miguel. É a partir daí que ele começa a ter experiências que vão confirmar a veracidade daquilo que a cultura do Dia de los Muertos prega.

Se inicia o segundo ato da Jornada do Herói, onde há a travessia do umbral. O protagonista decide se aventurar em um mundo desconhecido, motivado por fatores externos. De acordo com Joseph Campbell, é o “chamado para a aventura”.

Significa que o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida. Essa fatídica região dos tesouros e dos perigos pode ser representada sob várias formas: como uma terra distante, uma floresta, um reino subterrâneo, a parte inferior das ondas, a parte superior do céu, uma ilha secreta, o topo de uma elevada montanha ou um profundo estado onírico. (CAMPBELL, 1949, p. 34)



Em seguida, alguém vê o garoto na sala e alerta os policiais, que entram para ver o que está acontecendo. Sem ter onde se esconder, Miguel apenas espera ser pego pelos guardas, mas

quando eles entram não conseguem vê-lo. Logo após este episódio, o garoto foge da sala do túmulo e ao esbarrar nas pessoas ele percebe que não provoca nenhum efeito. Em seguida, ele encontra seus familiares mortos, que passaram para o mundo dos vivos para celebrar a data. É a partir daí que o menino começa sua jornada de descoberta do mundo dos mortos enquanto se aventura para encontrar seu tataravô e voltar para casa com sua bênção.

### 3. A CARNAVALIZAÇÃO SEGUNDO BAKHTIN

A festa popular mexicana do Dia de los Muertos apresentada no filme envolve elementos que remetem ao conceito de carnavalização elaborado por Mikhail Mikhailovich Bakhtin. De acordo com o autor, em seu livro “A cultura popular da Idade Média e no Renascimento: O contexto François Rabelais”, a ideia surge entre os séculos XVI e XVIII, devido às políticas sócio-religiosas da Europa que demonizavam o riso, pois ele representava a fuga do medo e da punição religiosa da época.

Isto porque a igreja Católica, juntamente aos senhores feudais, detinham o poder social, econômico e religioso da época. Sendo assim, estas classes dominantes, como forma de impor medo sobre as classes mais baixas, estabeleciam uma relação de dominação dos hábitos, frequentemente violentando e significando os costumes sociais da época. De acordo com Bakhtin, o ato de rir, dentro das normas estabelecidas pela igreja, era permitido apenas em situações específicas da sagrada liturgia. “O riso celebra sua liturgia, confessa seu símbolo da fé, une pelos laços do matrimônio, cumpre o ritual fúnebre, redige epitáfios, elege reis e bispos” (BAKHTIN, 1987, p. 76)<sup>8</sup>.

De acordo com o autor, o riso era considerado como uma expressão demoníaca pelos poderes sociais, já que muda a expressão facial e a torna impura, de modo que não pertence a Deus. Além disso, a extinção do riso era duramente pregada porque o ato de rir representava a falta de arrependimento e dor necessários para alcançar a expiação dos pecados. Em seu livro, Bakhtin afirma que o riso se torna o principal elemento na distinção das atividades carnavalescas e dos ritos oficiais da Igreja e do Estado Feudal.

O cristianismo primitivo (na época antiga) já condenava o riso Tertuliano, Ciprião e São João Crisóstomo levantaram-se contra os espetáculos antigos,

---

<sup>8</sup> Disponível em “A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais” de Mikhail Bakhtin

principalmente o mimo, o riso mímico e as burlas. São João Crisóstomo declara de saída que as burlas e o riso não provêm de Deus, mas são uma emanção do Diabo; o cristão deve conservar uma seriedade constante, o arrependimento e a dor em expiação aos seus pecados (BAKHTIN, 1987, p. 63)

No filme é possível relacionar o comportamento da personagem Abuelita com as normas estabelecidas pela igreja na Idade Média. A repressão às formas de música e o temperamento rigoroso da avó de Miguel relaciona a personagem à instituição religiosa. De acordo com o site Observatório do Cinema, Abuelita é “uma senhora com temperamento mais nervoso e que, por alguma razão, deslegitima a arte da música, desencorajando seu neto”. Nesse contexto, a proibição da música pode ser associada à repressão do riso.

### Anexo 3<sup>9</sup>



Sendo assim, Bakhtin afirma que as comemorações carnavalescas nascem como uma estratégia para burlar as proibições clericais. O carnaval surge, a princípio, como uma celebração do dia de Santo Estevam, ano novo, dia dos inocentes, da trindade e do São João em uma mesma manifestação de estudantes e clérigos. Nestas comemorações, a imposição simbólica era invertida dentro da sociedade feudal e as classes mais baixas se mostravam, ridicularizando aqueles que estavam no poder. Classes como as camponesas e operárias passam a fazer uso dos festejos populares para depreciar as normas da Igreja Católica. Chamada de “Festa dos Loucos”, a comemoração tornou possível o ato de rir em ocasiões específicas dentro das manifestações sociais.

---

<sup>9</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=hNU6gq7TFyo>, com acesso em 02 de junho de 2018, às 14h15

Com o afastamento, ou melhor, com a exclusão do riso dos ritos oficiais houve a necessidade de legalizá-lo- e assim mantê-lo sob controle em outra esfera (a não oficial), dando origem ao confronto formas cômicas Versus formas canônicas (SOERENSEN,2011, p. 324).

À medida que estas manifestações ganham força, o riso sai da esfera das celebrações religiosas para as tabernas, casas de espetáculos e ruas, onde o homem medieval ressignifica a Festa dos Loucos. Assim, acontece o processo de inversão do culto religioso, que se transforma em algo cômico, com fantasias, máscaras, danças e obscenidades corporais. Durante o carnaval, os valores do catolicismo e do povo eram misturados com permissão da igreja.

#### 4. O DIA DE LOS MUERTOS

Partindo desta premissa, é possível perceber na obra de Lee Unkrich e Adrian Molina algumas representações que remetem a este conceito carnavalesco, visto que a comemoração do Dia de los Muertos “é uma das mais importantes do país e representa apenas a ponta do iceberg de uma cultura em que a morte é algo muito mais familiar, com a qual se pode brincar e a qual se rende culto” (EL PAÍS, 2014)<sup>10</sup>. Na animação, a manifestação da cultura mexicana se apresenta ressignificando alguns conceitos sociais. A ideia fúnebre dá lugar às representações folclóricas e festejos, que apontam para a passagem das almas para um âmbito diferente, como forma de liberdade.

As obras do artista mexicano José Guadalupe Posada ajudaram a consolidar essa cultura ao representar a morte em suas artes, onde políticos e engraxates participam de forma igualitária do mesmo cosmos espiritual. “Vê-se que ironia e iconografia caminham juntas e ‘políticos e engraxates’ como que representam polos sociais opostos de riqueza e privilégio irmanados e igualados, na dança macabra” (VILLASENOR; CONCONE, 2012, p. 41).

O pintor passou a se utilizar das imagens dos esqueletos para retratar as vaidades dos poderosos da época e as diferenças sociais existentes. Eram produzidas obras e caricaturas com conotações políticas e nomes de pessoas da alta sociedade, aplicando sempre o conceito de inversão de valores e poderes que a carnavalização bakhtiniana propõe. A tradição é seguida até hoje, como forma de denúncia, crítica e até ridicularização de grandes nomes da sociedade.

---

<sup>10</sup> Disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/01/sociedad/1414853802\\_175512.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/01/sociedad/1414853802_175512.html), com acesso em 02 de junho às 9h50

Anexo 05<sup>11</sup>

Uma das representações dessa inversão de valores é a personagem folclórica da cultura mexicana, La Catrina, que provoca uma nova leitura da figura da caveira. Essa figura histórica nasce quando Posada representa um esqueleto vestido de forma elegante, que posteriormente viria a se tornar o “símbolo oficial da morte”, mundialmente conhecido. No filme “Viva” é possível perceber uma referência à La Catrina nas personagens mulheres do mundo dos mortos, e da mesma forma na figura da emblemática pintora Frida Khalo.

Anexo 04<sup>1213</sup>

<sup>11</sup> Obra “The Dance and Party of the Calaveras” de José Guadalupe Posada. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/01/sociedad/1414853802\\_175512.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/01/sociedad/1414853802_175512.html). Acesso em 04 de junho de 2018, às 14h50

<sup>12</sup> Obra “La CalaveraCatrina”, de José Guadalupe Posada. Disponível em <https://www.sfgate.com/mexico/mexicomix/article/La-Catrina-Mexico-s-grande-dame-of-death-2318009.php>, com acesso em 02 de junho de 2018, às 14h18

<sup>13</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=hNU6gq7TFyo>, com acesso em 02 de junho de 2018, às 14h20



A partir dos conceitos elaborados pela doutora em teoria literária e professora da PUC-SP, Lúcia Santaella, a ressignificação da imagem de La Catrina pode ser analisada dentro da classificação dos signos estabelecida por Pierce. A princípio, a imagem é apenas um ícone, correspondente ao nível da primeiridade, uma vez que, em uma primeira identificação da obra, a leitura realizada é apenas qualitativa, relacionada à cor, forma e textura. É um conjunto de qualidades que não representam nenhuma outra coisa. Pode-se considerar que a imagem ainda não sugere muitas interpretações, apenas representa algo e se assemelha às suas formas personificadas.

Assim, uma imagem é um hipoícone porque a qualidade de sua aparência é semelhante à qualidade da aparência do objeto que a imagem representa. Todas as formas de desenhos e pinturas figurativas são imagens (SANTAELLA, 1983, p. 14)

Em seguida, a ilustração passa a se apresentar de forma diferente ao interpretante. A figura da uma caveira é indicadora da morte e da tristeza. A obra se apresenta como índice, está no nível da secundidade e está ligada ao âmbito existencial do objeto. Essa atribuição é responsável por relacionar o signo ao seu interpretante, que por sua vez deve compreender o contexto em que ele é apresentado.

Por fim, na classificação equivalente à terceiridade, o símbolo extrai o poder de representação. No caso de La Catrina, essa classificação se configura como a convenção geral de que a personagem de Posada é o símbolo oficial da morte e que se ressignifica, ao provocar uma releitura da concepção de tristeza apresentada na secundidade. Assim, passa a se tornar uma das principais imagens da festa popular do Dia de los Muertos.

O símbolo, por sua vez, faz deslanchar a remessa de signo a signo, remessa esta que só não é para nós infinita, porque nosso pensamento, de uma forma ou de outra, em maior ou menor grau, está inexoravelmente preso aos limites da abóbada ideológica, ou seja, das representações de mundo que nossa historicidade nos impõe (SANTAELLA, 1983, p. 15)

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho apresentado contribui com a comunidade científica através da análise da cultura mexicana a partir do filme “Viva – A vida é uma festa”, com base nos conceitos de carnavalização elaborados por Mikhail Bakhtin. Os estudos realizados analisaram a narrativa

através da perspectiva cinematográfica, baseada no conceito da jornada do herói de Joseph Campbell. Além disso, a proposta apresentada relaciona os principais aspectos da animação com o carnaval e apresenta o processo de ressignificação da cultura da morte, que abandona o conceito fúnebre e adota a alegria das festas populares. Por fim, o trabalho ressalta a importância das obras do artista José Guadalupe Posada, que ajudou a consolidar a festa do Dia de Los Muertos através de suas obras.

---

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail Mikhalovick. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de Francois Rabelais**. São Paulo. Editora Hucitec. 1987.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008
- CAMPBELL, Joseph. **“O herói de mil faces”**. São Paulo. Editora: Cultrix / Pensamento, 1949.
- DELLCOLI, Caio. **“'Coco', nova animação da Disney-Pixar, será 'carta de amor ao México' em plena era Trump”** Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/2016/12/15/coco-nova-animacao-da-disney-pixar-sera-carta-de-amor-ao-me\\_a\\_21697535/HUFFPOST](https://www.huffpostbrasil.com/2016/12/15/coco-nova-animacao-da-disney-pixar-sera-carta-de-amor-ao-me_a_21697535/HUFFPOST). Com acesso em 04 de junho de 2018.
- DOSTOIÉVSKI, Fiodor. **Memórias do Subsolo**. Tradução e prefácio Boris Schnauderman. São Paulo: Editora 34. 2000.
- EL PAÍS. **“Onze razões pelas quais o México vive a morte como nenhum outro país”**, Cidade do México, 2014. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/01/sociedad/1414853802\\_175512.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/01/sociedad/1414853802_175512.html) com acesso em XXXX
- MOLINA, Adolfo. **“Crítica | Viva: A Vida é Uma Festa”**. Disponível em: <https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/criticas/2017/12/critica-viva-a-vida-e-uma-festa> OBSERVATÓRIO DO CINEMA. Com acesso em 04 de junho de 2018.
- SANTAELLA, Lúcia **“O que é semiótica?”**. São Paulo. Editora: Brasiliense, 1983
- SOERENSEN, Claudiana. **A carnavalização e o riso segundo Mikhail Brakhtin**. Pesquisa científica. 2011. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/4370/3889>>
- VILLASENOR, Rafael Lopez e CONCONE, Maria Helena Villas Bôas. **“A celebração da morte no imaginário popular mexicano”**. Disponível em: <https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/artic/e/viewFile/17036/12642>, 2012